



SENTIDOS DOS CADERNOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS E A PROFESSORA

MEANINGS OF NOTEBOOKS IN TIMES OF PANDEMIC: WITH THE WORD, THE CHILDREN AND THE TEACHER

Jiseli de Fátima Oliveira Pasqualin¹

<https://orcid.org/0009-0004-7898-8482>

Aliciene Fusca Machado Cordeiro²

<https://orcid.org/0000-0001-6778-5285>

Resumo:

Este artigo teve como objetivo compreender os sentidos dos cadernos escolares em tempos de pandemia, nas perspectivas docente e discente. De caráter qualitativo, trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória e de campo. Os participantes foram uma turma de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Santa Catarina. Para a coleta de dados, desenvolveu-se a técnica do grupo focal; e, por meio de um roteiro com perguntas semiestruturadas, entrevistou-se a professora da turma. A leitura dos dados seguiu a técnica de análise de conteúdo. O resultado das análises revelou que durante o ensino remoto ficaram ainda mais evidenciadas as desigualdades sociais e a intensificação do trabalho docente. Da mesma forma, destacou-se a continuidade da utilização do caderno escolar, uma vez que era um objeto comum e de acesso a todos os alunos, no entanto esse material passou a ter outros sentidos tanto para a docente quanto para os alunos que o preenchiam. Isso significa que os sentidos atribuídos aos cadernos escolares nesse período diferiram de quando foram utilizados em sala de aula. Eles tornaram-se uma maneira de manter um resquício das atividades consideradas escolares, uma vez que são o instrumento que mais representa o ensino escolarizado. Portanto, existiam a cópia, a confecção, o envio, mas não havia uma relação de ensino.

Palavras-chave: Estudantes. Cadernos escolares. Ensino remoto. Pandemia. Trabalho docente.

Abstract:

This article aimed to understand the meanings of school notebooks in times of pandemic, from both the teacher's and students' perspective. Qualitative in nature, it was constituted as exploratory and field qualitative research. The participants were a class of students from the early years of elementary school in a public school in Santa Catarina. The focus group technique was used for data collection, and the class teacher was interviewed through a script with semi-structured questions. The data analysis followed the technique of content analysis. The result of the analysis showed that during remote teaching social inequalities and intense teaching work became even more evident. At the same time, the continued use of the school notebook was also evident, as it was a common and accessible object for all students. However, this material came to have different

¹ Mestre pela Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville/SC, Brasil.

² Professora da Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville/SC, Brasil.

meanings for both the teacher and the students who filled it. That is, the meanings attributed to school notebooks in this period differed from when they were used in the classroom. They became a way to maintain a residue of activities considered school-related since they are the instrument that best represents formal education. Therefore, there were copying, manufacturing, and sending, but there was no teaching relationship.

Keywords: Students. School notebooks. Remote teaching. Pandemic. Teaching work.

INTRODUÇÃO

Desde pequenas, as crianças atribuem significados e constroem representações conforme suas vivências na escola, e um dos primeiros aprendizados é que todo aluno possui um caderno: o tradicional caderno de língua portuguesa, no qual são exercitados os saberes relacionados à leitura e à escrita; e o caderno de matemática, no qual são desenvolvidas as atividades com números e cálculos. Há também o caderno de deveres de casa e o de recados, geralmente chamado de agenda. Alguns estudantes possuem cadernos personalizados comprados em livrarias e papelarias, outros ficam à espera daqueles que são disponibilizados pelo governo. Independentemente do leiaute, todo caderno recebe o nome daquele aluno que o preenche diariamente, seu autor.

Percebeu-se que é corriqueiro os docentes folhearem os cadernos dos estudantes, uma vez que são objetos preenchidos diariamente durante as aulas. Eles também podem trazer pistas que ajudam a compreender parte do cotidiano da sala de aula, do aluno e do professor. Para Santos (2002), o caderno está presente há séculos, desde a educação infantil ao ensino superior, e pouco é questionada e discutida a sua utilização. Porém, no ano de 2020, a tradicional rotina escolar que recém havia iniciado foi interrompida pela pandemia de Covid-19. Segundo Aquino *et al.* (2020), a nova doença causada pelo vírus Sars-CoV-2 contaminava mundialmente milhares de pessoas. Assim, a exemplo de outros países, em março daquele mesmo ano o Brasil passou a decretar medidas emergenciais que viessem a combater a rápida e silenciosa transmissão do vírus. Com isso, o distanciamento social e a quarentena foram as primeiras medidas sanitárias decretadas pelos governadores dos estados brasileiros. Entre os dias 11 e 20 do mesmo mês, os estados do Distrito Federal, Rio de Janeiro, Amazonas, Santa Catarina e Paraná decretaram o fechamento de todas as instituições de ensino. Outras regiões como o Rio Grande do Sul tomaram essa decisão mais tarde, suspendendo as aulas em 1º de abril daquele ano.

Em entrevista para o *podcast* Folha na Sala³, em 28 de abril de 2020, o secretário de Educação do estado de Santa Catarina Natalino Uggioni informou que o Estado antecipou o recesso escolar, mantendo alunos e professores em casa, para que assim fossem pensadas e organizadas estratégias que atingissem 100% dos alunos durante a pandemia. Com base nos dados fornecidos no momento da matrícula, a rede constatou que 42% dos estudantes possuíam computador e 18% não tinham acesso à internet. Com isso, ficou estabelecido que quem não possuía acesso à internet poderia buscar o material impresso na escola, e para os demais seria disponibilizado o acesso às atividades pela plataforma Google Classroom. Durante a entrevista ao Folha na Sala, os secretários de Educação relataram diferentes realidades para o acesso às atividades escolares durante o distanciamento social, evidenciando que diversas regiões do Brasil

³ *Folha de S.Paulo* lançou em parceria com o Itaú Social um *podcast* produzido especialmente para professores. O Folha na Sala abordou o cotidiano e os desafios de quem leciona, trazendo experiências das próprias escolas e a opinião de especialistas na área.

recorreram a recursos tecnológicos para a continuidade das atividades de ensino, tais como plataformas digitais como o Google Classroom, videoaulas ao vivo transmitidas pelo Google Meet, aulas gravadas transmitidas pelo YouTube e redes sociais como o Facebook, Instagram e WhatsApp. Os canais de televisão aberta e as rádios também foram utilizados, em alguns estados.

A nova realidade transformou a tecnologia em protagonista, uma vez que pais, alunos e professores passaram a recorrer às ferramentas digitais para se comunicar e dar continuidade às atividades de ensino em um período em que grande parte da população se encontrava em isolamento social em suas residências. Por presenciar todas essas transformações que ocorriam a cada novo decreto publicado pelo governo de Santa Catarina para a continuidade das atividades escolares durante a pandemia, as pesquisadoras entenderam que era fundamental compreender os sentidos atribuídos aos cadernos escolares durante um período em que as aulas estavam no formato remoto, os conteúdos, atividades e exercícios estavam disponíveis em telas de computador, *tablet* e celular e o acesso se dava com apenas um clique.

Dessa maneira, ao considerar a importância do caderno para todas as fases de escolarização e as experiências vivenciadas com o ensino remoto, esta pesquisa propôs-se a compreender os sentidos dos cadernos escolares em tempos de pandemia, nas perspectivas docente e discente. De modo a contemplar tal objetivo, o estudo, de caráter qualitativo, constituiu-se em uma pesquisa exploratória e de campo de inspiração etnográfica e está vinculado à linha de pesquisa Trabalho e Formação Docente, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade da Região de Joinville (Univille). Para a produção de informações, foram aplicadas a técnica do grupo focal, com sete crianças da referida turma, e a entrevista com a docente Ana⁴. A produção das informações seguiu os preceitos da análise de conteúdo segundo Bardin (1977) e Franco (2012).

Para isso, o estudo contemplou dois anos letivos, com os alunos cursando em 2020 o 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental de forma remota. Por causa da pandemia, a entrevista com a professora da turma e o grupo focal foram realizados em novembro de 2021, quando todos já haviam retornado para a escola. A instituição escolhida é uma escola pública da cidade de Joinville, Santa Catarina, fundada em 1990, que atendia do 1.º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio e naquele período (2021) possuía 460 alunos. Situava-se em um bairro de uma zona urbana carente de infraestrutura, predominantemente composto de ruas não pavimentadas e de cascalho e com deficiências no saneamento básico.

O trabalho está subdividido em cinco partes. Além desta parte introdutória, o artigo é constituído do referencial teórico, que fundamenta a construção da análise. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos, desenvolvidos para atingir o objetivo proposto. Depois disso, são apontados, analisados e discutidos os principais resultados acerca do tema, e, finalmente, no último tópico são efetuadas as considerações e implicações finais, seguidas das referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

É corriqueiro ouvir no uso cotidiano da língua materna (portuguesa) frases como: qual é o significado dessa palavra? Qual é o sentido dessa palavra? Isso faz sentido para você? Desse modo,

⁴ Todos os nomes utilizados no trabalho são fictícios.

percebe-se que as palavras *sentido* e *significado*, quando utilizadas indistintamente, sem preocupação com fundamentação teórica, poderiam expressar a mesma ideia. Com base nesse princípio, antes de abordar os sentidos concedidos aos cadernos escolares, cabe primeiramente explicitar o que se entende por *significado* e *sentido*. Em primeiro lugar, para o entendimento de *significado*, apresenta-se a palavra *caderno* na forma dicionarizada. Conforme o Dicionário Michaelis, caderno é uma “porção de folhas de papel sobrepostas, em forma de pequeno livro de apontamentos ou de exercícios escolares” (Michaelis, 2009, p. 148). Nessa perspectiva, Miller (2021) aponta que a palavra na sua significação formal, dicionarizada, possui a explicação nos verbetes de maneira estática, ou seja, está lá para ser buscada e conhecida. A significação formal da palavra só adquire as diferentes conotações de sentido quando empregada no plano oral ou no plano escrito, no contexto concreto vivo da fala.

Assim como Miller (2021), Góes e Cruz (2006) usaram como base teórica a concepção histórico-cultural de Vigotski, presente no último capítulo, “Pensamento e palavra”, do livro *A construção do pensamento e da linguagem* (Vigotski, 2001). As autoras ressaltam que Vigotski “salienta sobre a noção de sentido da palavra, e a concebe como fundamental para a compreensão da dinâmica dos significados da linguagem verbal” (Góes; Cruz, 2006, p. 32). Porém, mesmo que esses dois conceitos estejam vinculados, Prestes (2010) salienta que, para Vigotski, sentido e significado não são a mesma. Vigotski (2001) explicita que o significado é produzido historicamente e socialmente, visando à comunicação entre os sujeitos de determinada época e local, de modo que “a palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra” (Vigotski, 2001, p. 398).

Para Góes e Cruz (2006), no início do desenvolvimento infantil, a palavra possui a função nominativa para a criança, e por meio das relações sociais esta adquire e assimila os conceitos e posteriormente passa a dominá-los. “Primeiro, a criança é guiada pela palavra do outro e, depois, ela própria utiliza as palavras para orientar o seu pensamento” (Góes; Cruz, 2006, p. 33). As autoras complementam a ideia dizendo que essa imersão é fundamental, pois é pela palavra que ocorre a possibilidade de compreensão mútua entre adultos e criança. Mas não se pode esquecer que, mesmo que as palavras, significados, generalizações sejam apresentados por pessoas do seu convívio social, é a criança quem vai elaborar os seus modos de pensar, pois ainda não compreende logo de imediato o modo de pensar adulto. Em outros termos, a palavra na fala da criança se torna parecida com a fala dos adultos quando empregada a um objeto, mas não em relação ao seu significado.

Vigotski (2001) reafirma a centralidade do signo na formação dos processos humanos e põe em evidência o forte papel da palavra. Góes e Cruz (2006) revelam que, entremeadas com a presente discussão, a preocupação de Vigotski com a dinâmica dos significados na linguagem em ocorrência o levou a focalizar o sentido da palavra. “As palavras não podem ser consideradas fora do seu acontecimento concreto, pois a variação dos contextos de ocorrência faz com que os sentidos sejam ilimitados e, de certa forma, mostrem-se inacabados” (Góes; Cruz, 2006, p. 38). A importância de significar a palavra em um contexto de uso é vista no extrato a seguir, no argumento de Vigotski com apoio nas ideias de Jean Paulhan:

A palavra só adquire sentido na frase, e a própria frase só adquire sentido no contexto do parágrafo, o parágrafo no contexto do livro, o livro no contexto de toda a obra de um autor. O sentido real de cada palavra é determinado, no fim das

contas, por toda riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso por uma determinada palavra (Vigotski, 2001, p. 466).

Prestes (2010), em sua tese de doutorado, abordou uma interessante discussão feita por Vigotski em relação ao sentido que atribuímos às palavras. Para Vigotski (2001), o sentido e o significado não são a mesma coisa.

O sentido da palavra é sempre dinâmico, fluente, complexo, e possui várias zonas de estabilidade diferente. O significado é somente uma das zonas daquele sentido que a palavra adquire no contexto de alguma fala e, além do mais, uma zona mais estável, mais unificada e mais precisa. Como se sabe, em diferentes contextos, a palavra modifica facilmente o seu sentido [...], mas esse significado não é nada mais que a potência que se realiza na fala viva, na qual esse significado é apenas a pedra na edificação do sentido (Vigotski, 2001, p. 328).

Quando Vigotski (2001, p. 328) argumenta que “significado não é nada mais que a potência que se realiza na fala viva, na qual esse significado é apenas a pedra na edificação do sentido”, Góes e Cruz (2006) apontam que o sentido atribuído à palavra passa a subordinar o significado. Da mesma forma que Prestes (2010), as autoras sugerem que “a relação entre significado e sentido é uma dialética de forças que compõem a significação da palavra, que não deve ser ignorada no estudo de qualquer dos processos humanos” (Góes; Cruz, 2006, p. 38).

Com ênfase na polissemia da palavra, Vigotski reitera o fundamento da formação humana nas condições concretas de vida e na história da vida social, pois o signo não é uma entidade abstrata; sua materialidade é preservada e reafirmada, visto que o jogo dos sentidos é um processo de produção e interpretação em que o indivíduo está imerso na cultura (Góes; Cruz, 2006, p. 43).

São percepções contidas na pesquisa de Neubert (2013), quando a autora traz a definição do caderno escolar de acordo com a perspectiva dos alunos e professores. No olhar docente, trata-se de um importante documento que acompanha o aluno durante sua trajetória escolar; é um material que auxilia o processo de alfabetização, na aquisição do conceito de tempo e espaço, na criação de vínculos e de rotinas na escola. Em suas folhas, são registradas as atividades realizadas, possibilitando a consulta e o acompanhamento posterior por parte dos pais e da escola. Por outro lado, o discente conceitua o caderno como um objeto em que são copiadas as atividades do quadro. O material precisa estar limpo, ser cuidado e contar com letra bonita, pois o professor o verificará, dando vistos e anotando quem fez os exercícios.

Assim, percebe-se que “o significado da palavra não é constante. Ele muda ao longo do desenvolvimento da criança. Ele muda também com as diferentes formas de funcionamento do pensamento, ele representa em si uma formação mais dinâmica do que estática” (Vigotski, 2001, p. 287). Essas questões ficam evidenciadas nas falas dos participantes da pesquisa de Neubert (2013). A palavra *caderno*, por exemplo, quando trazida pelo dicionário, é de certa forma estática, diferentemente de quando vem do docente e do discente, que são influenciados pelo meio, pelo outro e por suas experiências.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De caráter qualitativo, este estudo constituiu-se em uma pesquisa exploratória e de campo de inspiração etnográfica e está vinculado à linha de pesquisa Trabalho e Formação Docente, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Univille. A pesquisa qualitativa na área da educação

é conceituada por Lüdke e André (2018) como um estudo de caráter descritivo que contempla uma área específica de forma contextualizada.

Os participantes desta pesquisa foram alunos de uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Joinville, assim como a professora envolvida no seu processo de escolarização. Os estudantes escolheram para a investigação os seus próprios nomes fictícios. Já o nome da docente foi dado pela pesquisadora. Escola Wolf é o nome fictício dado à instituição que foi o campo deste estudo.

Por acreditar ser fundamental ouvir as percepções de alguns alunos, utilizou-se a técnica do grupo focal, “uma técnica qualitativa, cujo objetivo consiste em captar, entre os sujeitos, percepções, sentimentos e ideias, fazendo emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado” (Gatti, 2002, p. 9). Para Pires e Santos (2019, p. 322):

O Grupo Focal é bastante útil na pesquisa com crianças principalmente quando associado à etnografia. Além de ser uma forma otimizada de produzir dados. E quando realizada com o rigor necessário permite a interação dos participantes, a troca de experiências, além da possibilidade de concordar ou discordar de opiniões apresentadas.

Os participantes foram sugeridos pela docente Ana. Portanto, foram convidados: Gustavo, Sátira, Linda, Sand, Rafiluiz, Naruto e Monk. Formou-se, assim, um grupo com sete estudantes. Quanto ao número de participantes, não encontramos uma regra ou número ideal. Pires e Santos (2019) já realizaram em suas pesquisas o grupo focal com quatro, cinco e seis crianças. Salientam que um grupo menor pode ser tão difícil e complexo quanto um grupo maior, uma vez que a idade e a condição social das crianças são aspectos importantes na condução do trabalho, bem como nas interações. A mesma técnica quando feita com adultos, conforme recomendação de Trad (2009), deve contar com a participação de dez pessoas em cada grupo.

Considerando a importância de a técnica estar alinhada com a perspectiva teórica e por acreditar que a pesquisa abre “caminhos para o diálogo, para a construção compartilhada de sentidos e para a construção do conhecimento” (Antunes-Souza; Pucci, 2022, p. 4), utilizou-se a entrevista dialógica. Esta conceitua-se de acordo com as contribuições de Freitas (2002), que possui como aporte teórico a abordagem histórico-cultural de Vigotski. Para a autora, a entrevista dialógica não deve limitar-se a um roteiro mecânico com perguntas e respostas previamente preparadas, pois os sentidos atribuídos ao diálogo “são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado” (Freitas, 2002, p. 29). Assim, a professora Ana foi entrevistada seguindo um roteiro de perguntas semiestruturadas.

Em novembro de 2021, previamente a qualquer procedimento, as pesquisadoras consultaram o grupo convidado e explicaram que o objetivo era ouvir suas opiniões, ideias, pensamentos e sentimentos a respeito do caderno escolar. Após todos concordarem, seus pais receberam uma carta contendo todas as informações a respeito da pesquisa. Outra carta foi entregue aos alunos com linguagem acessível, ao nível de compreensão do 2º ano. Os alunos expressaram sorrisos e contentamento, transmitindo certo orgulho de terem sido convidados à pesquisa. No dia seguinte todos trouxeram os documentos assinados. Ressalta-se que o grupo focal

e a entrevista respeitaram todas as medidas sanitárias do PlanCon-Edu/Covid-19⁵, o Plano de Contingência Estadual para Educação da unidade escolar, ocorrendo nos meses de novembro e dezembro de 2021.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma inesperada, em 2020, todos foram surpreendidos com a suspensão das aulas em razão da pandemia causada pelo vírus Sars-CoV-2, que contaminava milhares de pessoas mundialmente. Assim como outros países, procurando conter a rápida transmissão do vírus, medidas sanitárias passaram a ser tomadas no Brasil. Estas refletiram em diversos setores, como político, econômico, social e educacional. Portanto, seguindo as medidas sanitárias estaduais, no dia 19 de março de 2020 a Escola Wolf fechou as suas portas e passou a se comunicar com toda a equipe escolar por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. Assim como Ana, os demais docentes da instituição vivenciaram a mesma situação.

Perante um cenário pandêmico e com a inexistência de medicação que combatesse a nova doença, grande parte da população se encontrava em isolamento social em suas residências, pois naquele momento ficar em casa era o meio mais eficaz e seguro. Buscando a segurança de alunos e professores, bem como dar continuidade ao ano letivo de 2020 e evitar a evasão escolar, o ensino remoto foi implantado em Santa Catarina. O primeiro passo dado pelo governo foi a formação para os docentes da rede. Em seguida, a Secretaria do Estado de Santa Catarina, com a finalidade de auxiliar pais e alunos das escolas públicas, criou um tutorial no YouTube com instruções de como acessar pela primeira vez a sua conta institucional e por conseguinte a plataforma do Google Classroom. O governo do estado criou *e-mails* para todos os alunos e professores. Para acessar a plataforma, primeiramente o aluno precisava entrar no *site* do Google Gmail, ter em mãos o número de matrícula, que é o mesmo utilizado para acessar o aplicativo Estudante Online, digitar no *login* a matrícula mais @estudante.sed.sc.gov.br. Já a senha do primeiro acesso eram os dígitos da data de nascimento, que poderia ser alterada posteriormente por uma senha de preferência do aluno.

Ao acessar o *e-mail*, o estudante já podia observar na caixa de entrada as atividades encaminhadas pelos docentes. Sendo assim, era necessário apenas abrir o aplicativo Google Classroom, e o aluno já estava inserido na sala virtual da sua escola, podendo ver o nome dos seus professores e colegas de sala de aula e o mural em que estariam disponíveis as atividades postadas pelos professores. Ao clicar na atividade, ele podia ler as instruções, verificar o prazo de entrega da atividade e postar a resposta para o professor, além de tirar suas dúvidas. Ao entrar na plataforma, o estudante acessava materiais disponibilizados pelos docentes, como textos para leitura, exercícios e vídeos. Quando concluía as tarefas, era solicitada a postagem de uma foto dos registros feitos no caderno. Ou seja, a foto do caderno era o único recurso disponível para verificar se o estudante realizara a atividade.

⁵ Documento que norteou todo o trabalho da escola e ajudou a dar subsídio às ações realizadas, com base na Portaria Conjunta nº 750, de 2020, da Secretaria de Estado da Educação, Secretaria de Estado da Saúde e Defesa Civil de Santa Catarina.

Considerando que o governo do Estado disponibilizou a plataforma Google Classroom para continuidade das aulas no formato remoto, perguntou-se aos participantes do grupo focal se eles acessaram a ferramenta.

Gustavo: *A gente fazia assim, meu pai foi lá e criou a conta [plataforma Google Classroom]. Aí eu ia lá e acessava todo dia. Aí eu criava uma planilha. Daí eu fazia as atividades e mandava para a professora. Eu fazia tudo pelo computador e às vezes nas aulas de educação física eu gravava os vídeos das atividades e postava na plataforma.*

Sátira: *Sim, a minha mãe acessava pelo celular. A minha conta quem criou foi a minha irmã, porque a minha mãe não sabe nem o que é um e-mail.*

Linda: *Eu não usei, porque era mais fácil pelo Whats.*

Monk: *Eu nem sabia que existia.*

Sand: *Eu não tinha internet.*

A fala dos estudantes demonstra os desafios que tiveram para acessar as atividades escolares no formato remoto. O que parecia ser simples acabou por requerer maior atenção, pois era necessário algum conhecimento prévio sobre: onde obter o número de matrícula, criar e acessar um *e-mail* institucional, entre outras coisas. Além disso, era necessário ter em sua residência um computador, celular ou *tablet* e acesso à internet. Diante da realidade da turma, questiona-se a condição real dos estudantes brasileiros de ter um computador em casa. Acredita-se que o Estado de certa forma avançou no oferecimento de todo esse caminho, mas as impossibilidades estavam no acesso à internet, ao computador, a um local adequado de estudos. Os professores, alunos, pais e a escola não estavam preparados para uma situação dessas. Ressalta-se que a condição socioeconômica das famílias e a escolaridade dos adultos envolvidos dificultaram ainda mais.

Poucos estudantes do 2º ano tiveram acesso à plataforma Google Classroom e, por essa razão, optaram pelo uso do aplicativo WhatsApp. Assim, a falta de acesso às tecnologias da informação e da comunicação e de internet provoca a refletir a respeito do ensino mediado por ferramentas digitais em condições de desigualdade e vulnerabilidade social. Assim como Nóvoa e Alvim (2022), destaca-se que de modo algum queremos trazer a tecnologia como algo ruim para a educação, porém ficou evidente neste estudo que ela não estava acessível a todos os estudantes e causou maior exclusão e dificuldades de acesso às atividades escolares durante o ensino remoto trazido pela pandemia de Covid-19. As diferenças de acesso ficaram claras nas falas dos estudantes e em como eles se relacionaram com os materiais recebidos.

A análise dos dados evidenciou que, dos sete alunos que participaram do grupo focal, 57,1% responderam às atividades escolares por meio do aplicativo WhatsApp, 28,7% as receberam pela plataforma Google Classroom, e 14,3% não realizaram nenhuma atividade. Diante do desafio de acesso às atividades durante o ensino remoto, percebeu-se que poucos estudantes tiveram acesso à plataforma, sendo o WhatsApp citado como o principal meio de comunicação entre professor e aluno. Consequentemente, o caderno continuou sendo uma ferramenta de registro importante.

Como resultado, a professora também precisou aderir ao uso do seu celular para que a comunicação com os alunos se concretizasse. O celular de uso pessoal da professora passou a ser

utilizado como ferramenta de trabalho para encaminhar as atividades escolares aos estudantes, esclarecer eventuais dúvidas e receber as atividades realizadas. Ou seja, o processo que antes era feito em uma aula de 45 minutos com toda a sala passou a se estender em um longo processo, de maneira individualizada, sendo realizado de acordo com a disponibilidade dos pais e alunos. Evidencia-se, assim, a intensificação do trabalho docente no momento pandêmico, que afetou a qualidade de vida dos docentes e suas saúdes física e, sobretudo, mental.

Corroborando com a análise, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua apontaram que no ano de 2019 78,3% da população brasileira tinha acesso à internet, 46,2% utilizava o computador para acessar à internet e 98,6% usava para tal o celular (IBGE, 2019). De acordo com esses dados, entende-se que menos da metade da população possuía computador em suas residências no ano que antecedeu a pandemia; a maioria acessava a internet pelo celular.

Sawaia (2014) explica que estamos todos inseridos na sociedade de algum modo, ainda que esse modo nem sempre seja decente e digno e que uma expressiva maioria da humanidade esteja inserida nele de maneira insuficiente e com privações. Pode-se vislumbrar algo dessa insuficiência e privações ao identificar que todas as crianças utilizaram o caderno durante o período de ensino remoto e apenas 14,3% tiveram acesso à plataforma Google Classroom. O descompromisso político com o sofrimento alheio, existente pré-pandemia, se escancarou nas impossibilidades do ensino remoto ante as condições desiguais de acesso a computador, *notebook*, *tablet* e celular. Lembrando que não bastava ter somente o aparelho; era necessária conexão à internet.

Considerando a realidade dos alunos, perguntou-se onde realizavam suas atividades. A frase mais repetida foi: “*No caderno, oras!*”. Percebe-se que, mesmo diante de uma pandemia, o caderno se manteve presente. Ou seja, “é um material diretamente relacionado com o estudo e com a condição de ser aluno. É essencial para o estudante se sentir estudante” (Neubert, 2013, p. 86). Mesmo não estando na escola, o caderno aparece como suporte para o registro e desenvolvimento das atividades escolares (Santos, 2002).

Fundamentando-se na fala dos estudantes e em todo o contexto relatado por eles e pela professora durante o ensino remoto, questionou-se sobre o sentido dos cadernos durante o período em que todos estavam em isolamento social. Ana explicou que o estudante concluía a atividade proposta, em seguida os pais tiravam uma foto da página do caderno e a enviavam para o seu aparelho de telefone por meio do aplicativo WhatsApp. Mesmo diante de muitas dificuldades, algumas famílias estavam presentes e realizavam as atividades com os filhos em casa, mas salienta que o acompanhamento conforme feito em sala de aula, com direcionamentos, correções e explicações nos momentos de dúvidas, não foi possível por meio do celular.

Entre outras dificuldades para o acompanhamento das atividades e aprendizado dos estudantes, a docente afirmou que: o modelo do seu aparelho celular era simples e não suportava o recebimento dos arquivos; a qualidade das fotos tiradas das atividades era ruim; as atividades eram respondidas a lápis, dificultando entender o que estava escrito. Apesar disso, percebe-se que o celular e a internet foram importantes ferramentas para a comunicação entre família, estudantes e docente, assim como o caderno, que continuou a ser usado em casa, mesmo sem o acompanhamento diário, antes feito pelo professor em sala de aula. Essa realidade foi vivenciada

pela estudante Linda, que relatou que sua mãe já estava cansada e em alguns momentos sem paciência para acompanhá-la e ajudá-la nas atividades escolares no ensino remoto.

Nota-se que nesse período os sentidos atribuídos aos cadernos escolares diferem, e, com relação ao uso do material, surgem algumas possibilidades de interpretação. As crianças continuaram a usar os seus cadernos porque não tinham acesso às ferramentas digitais? Se elas tivessem acesso a um computador, *tablet* ou *notebook*, continuariam escrevendo em seus cadernos escolares?

Com o resultado das análises, podemos afirmar que naquele período de aulas remotas o caderno era o objeto comum a todos os estudantes da turma e, com isso, todos continuaram registrando as atividades nele, mantendo o sentido de suporte de registro e escrita. Já em relação ao sentido de controle, este permaneceu, uma vez que os pais precisavam enviar fotos das atividades realizadas nos cadernos para a professora Ana, porém as regras para o preenchimento das atividades, a organização do caderno e a avaliação do aprendizado dos estudantes se tornaram difíceis, pois o único contato era por meio de fotos, mensagens ou áudios do aplicativo WhatsApp.

Em síntese, percebeu-se que os sentidos atribuídos aos cadernos escolares durante o período remoto, quando os alunos estavam tendo aula em casa por causa da pandemia de Covid-19, diferiram de quando a criança está na escola.

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

Por meio desta pesquisa, buscou-se compreender os sentidos dos cadernos escolares em tempos de pandemia, nas perspectivas docente e discente. Parece um pouco contraditório pesquisar os sentidos atribuídos aos cadernos escolares em pleno século XXI, uma vez que nesse período o uso das tecnologias digitais acelerou consideravelmente com a pandemia de Covid-19 e se tornou essencial para a continuidade das atividades escolares em todo o país. De um lado, o estado de Santa Catarina estabelecia o ensino remoto por meio de uma plataforma *online*, aplicativos e outras ferramentas tecnológicas que objetivavam disponibilizar conteúdos, atividades e exercícios em telas de computador, *tablet* e celular, em apenas um clique. Na outra ponta, encontrava-se a professora Ana, a qual deparava com uma realidade bem diferente, pois, em função das condições econômicas e sociais, os seus alunos não tinham como acessar os conteúdos escolares.

Diante das dificuldades de acesso a tais ferramentas, o aplicativo de mensagens WhatsApp se destacou como a única ferramenta capaz de manter a comunicação entre a escola e o aluno, porém é importante lembrar que esse diálogo somente era possível quando os pais tinham dinheiro para colocar crédito no aparelho de telefone celular, sendo a falta de acesso à internet outro agravante que impossibilitava o acesso às atividades. Nesse último caso, a escola disponibilizou as atividades de forma impressa, e elas deveriam ser retiradas na unidade de ensino.

Observou-se que durante o ensino remoto o caderno passou a ter outros sentidos tanto para a docente quanto para o aluno que o preenchia. Isso significa que os sentidos atribuídos aos cadernos escolares nesse período diferem de quando utilizados em sala de aula. O sentido de cópia e registro das atividades permaneceu para o estudante, uma vez que precisava olhar no celular da mãe, pai, irmãos ou avós para copiar os conteúdos no caderno. Em relação ao sentido de controle, cabe aqui uma reflexão. No ensino presencial o caderno é considerado uma forma de controle do trabalho docente. Em outras palavras, os registros realizados no caderno podem ser acompanhados

não somente pela gestão escolar, mas também pelos pais. No entanto, durante o ensino remoto, podemos dizer que houve uma inversão, porque o controle passou a ser sobre a família, visto que os pais precisavam fotografar as atividades realizadas no caderno e enviar o registro por imagem para o telefone pessoal da professora, tornando-se uma prova de que o aluno havia feito as atividades.

O caderno também pode ser considerado um instrumento avaliativo, no qual o professor registra vistos diários ao final de cada atividade realizada pelo aluno, ao observar questões como o traçado das letras, a grafia correta das palavras, a organização e o capricho, entretanto essas observações durante o ensino remoto se tornaram praticamente impossíveis, pois o único contato se dava por meio da foto recebida pelo aplicativo WhatsApp. Os cadernos tornaram-se uma forma de manter um resquício das atividades consideradas escolares, uma vez que é o instrumento que mais representa o ensino escolarizado. Portanto, existiam a cópia, a confecção, o envio, mas não havia uma relação de ensino.

Percebeu-se que o material abordado neste trabalho continuou sendo um suporte de escrita e de registro dos conteúdos escolares, pois era o instrumento de comum acesso a todos os estudantes, uma vez que nem todos os alunos tinham acesso a computador, celular e internet. Em suma, é possível dizer que os cadernos proporcionam homogeneidade na diversidade e, ao mesmo tempo, igualdade de condições e desigualdades, uma contraditória dialética que revela as diferenças socioeconômicas que habitam o espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ANTUNES-SOUZA, Thiago; PUCCI, Renata Helena Pin. Articulação Teórico-Metodológica: a entrevista em pesquisas educacionais na abordagem histórico-cultural. **Educação**, v. 47, n. 1, e46, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/55259>. Acesso em: 10 out. 2022.

AQUINO, Estela M. L.; SILVEIRA, Ismael H.; PESCARINI, Julia; AQUINO, Rosana; SOUZA-FILHO, Jaime Almeida. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de Covid-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, p. 2423-2446, 2020. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/medidas-de-distanciamento-social-no-controle-da-pandemia-de-covid19-potenciais-impactos-e-desafios-no-brasil/17550?id=17550&id=17550>. Acesso em: 10 maio 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

COMO AS ESCOLAS PÚBLICAS ESTÃO ENSINANDO EM MEIO À PANDEMIA. Entrevistados: Claudia Costin, Fátima Gavioli, Natalino Uggioni, Rosalina Lobo. Entrevistadores: Ricardo Ampudia. São Paulo: Folha na Sala, 28 abr. 2020. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3CUdh2T5KG8EdgtMrHvhge?si=_5S-cMTrSFKISchZvgdYvw. Acesso em: 26 set. 2022.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, [Maranhão], n. 116, p. 21-39, jul. 2002. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/KnJW3strdps6dvxPyNjmvyyq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 jan. 2022.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro, 2012.

GÓES, Maria Cecília Rafael; CRUZ, Maria Nazaré. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. **Pro-posições**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 31-45, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643627>. Acesso em: 15 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Brasil: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 10 set. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2018.

MICHAELIS. **Dicionário prático da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MILLER, Stela. Significado e sentido: aproximações entre Bakhtin e Vigotski. Grupo Gellite, Universidade Federal de Alagoas. **YouTube**, 1.º jul. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AHmBNTBUcHs&t=4183s>. Acesso em: 10 jan. 2023.

NEUBERT, Caroline Guião Coelho. **Os sentidos atribuídos pelas crianças aos seus cadernos escolares**. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122845/324950.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 abr. 2021.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PIRES, Flávia Ferreira; SANTOS, Patrícia Oliveira Santana dos. O uso de grupos focais na pesquisa etnográfica com crianças. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 21, n. 40, p. 318-342, set./dez. 2019.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional**. 295f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SANTOS, Anabela Almeida Costa e. **Cadernos escolares na primeira série do ensino fundamental: funções e significados**. 152f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SAWAIA, Bader (org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRAD, Bonfim A. Leny. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/?lang=pt>. Acesso em: 2 mar. 2022.

VIGOTSKI, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Recebido em: 27 de abril de 2023
Aprovado em: 29 de janeiro de 2024